

## Arquíloco de Paros e o *Fr. 19 West*

MOISÉS OLÍMPIO FERREIRA  
Universidade de São Paulo  
Brasil

RESUMO. O presente trabalho visa a refletir sobre a (re)construção do sentido de um dos fragmentos da lírica grega arcaica. O *corpus* é constituído pelo fr. 19 da obra do poeta Arquíloco de Paros. Para o nosso estudo, servimo-nos das fontes que testemunharam a recepção do texto na Antiguidade e apresentamos também alguns comentários feitos por autores modernos. Para a tradução dos textos em língua grega, utilizamos o arcabouço teórico de Henrique Graciano Murachco, para quem as relações semântica, lógica, orgânica e funcional da língua são essenciais.

PALAVRAS-CHAVE. Poesia grega; lírica grega; Período Arcaico; Arquíloco de Paros; Fragmento 19 West.

### O poeta

De Arquíloco de Paros, face às reduzidas informações existentes a seu respeito, não é possível precisar uma cronologia de sua vida<sup>1</sup>. Os dados de que dispomos são dos próprios fragmentos e de algumas inscrições e passagens como a de Enómaos de Gadara<sup>2</sup> e a de Crítias<sup>3</sup>, escrita por Eliano (*VH* 10.13 = Archil. *Fr.* 295 W)<sup>4</sup>, a qual reproduzimos abaixo:

Email: moisesolim@usp.br

Membro do GERAR – Grupo de Estudos de Retórica e Argumentação da USP. Doutorando da USP. Orientadores: Lineide do Lago Salvador Mosca e Henrique Graciano Murachco.

<sup>1</sup> J.A. LÓPEZ FÉREZ (in \_\_\_\_\_ (ed.), *História de la literatura griega*, Madrid, Cátedra, 1988, p. 121) acertadamente nos informa que “su personalidad está envuelta em leyendas que él sin duda contribuyó a crear, pero en las que influyeron sus propios orígenes y las circunstancias de su vida...”

<sup>2</sup> F. LASSÈRE, *Les épodes d'Archiloque*, Paris, Belles Lettres, 1950, p. 293.

<sup>3</sup> Segundo A. LESKY (*História da literatura grega*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1995, p. 136), Crítias foi um jovem aristocrata radical que se indignava com a naturalidade com que Arquíloco falava de coisas que a mentalidade aristocrática julgava escandalosas.

<sup>4</sup> = Crítias 88 B<sub>44</sub> D-K.

Αἰτιᾶται Κριτίας Ἀρχίλοχον ὅτι κάκιστα ἑαυτὸν εἶπεν. 'εἰ γὰρ μὴ' φησὶν 'ἐκεῖνος τοιαύτην δόξαν ὑπὲρ ἑαυτοῦ ἐς τοὺς Ἑλληνας ἐξήνεγκεν, οὐκ ἂν ἐπυθόμεθα ἡμεῖς οὔτε ὅτι Ἐνιποῦς υἱὸς ἦν τῆς δούλης, οὔθ' ὅτι καταλιπὼν Πάρον διὰ πεινίαν καὶ ἀπορίαν ἦλθεν ἐς Θάσον, οὔθ' ὅτι ἐλθὼν τοῖς ἐνταῦθα ἐχθρὸς ἐγένετο, οὔτε μὴν ὅτι ὁμοίως τοὺς φίλους καὶ τοὺς ἐχθροὺς κακῶς ἔλεγε. πρὸς δὲ τούτοις' ἦ δ' ὅς 'οὔτε ὅτι μοιχὸς ἦν ἠδαιμεν ἂν εἰ μὴ παρ' αὐτοῦ μαθόντες, οὔτε ὅτι λάγνος καὶ ὑβριστής, καὶ τὸ ἔτι τούτων αἰσχίον, ὅτι τὴν ἀσπίδα ἀπέβαλεν. οὐκ ἀγαθὸς ἄρα ἦν ὁ Ἀρχίλοχος μάρτυς ἑαυτῶ, τοιοῦτον κλέος ἀπολιπὼν καὶ τοιαύτην ἑαυτῶ φήμην.' ταῦτα οὐκ ἐγὼ Ἀρχίλοχον αἰτιῶμαι, ἀλλὰ Κριτίας.

Critias censura Arquíloco porque disse o pior de si mesmo. Se, pois, diz ele, (Arquíloco) não tivesse dado a conhecer tal opinião sobre si mesmo aos gregos, nós não teríamos sabido nem que era filho da escrava Enipo; nem que, tendo abandonado Paros pela pobreza e necessidade, foi para Tasos; nem que, tendo ido lá, dos [habitantes] tornou-se inimigo; nem que, de modo semelhante, de amigos e de inimigos, costumava falar mal. Além dessas coisas, dizia ele, nem que era adúltero teríamos a condição de saber, se não depois que dele nos instruímos; nem que era lascivo e arrogante; e, o mais vergonhoso dessas coisas, que o escudo perdeu. Arquíloco, portanto, não era uma boa testemunha de si mesmo, pois que deixou tal notícia e tal fama de si mesmo. Em relação a essas coisas, não eu estou censurando Arquíloco, mas Critias.

Considerando que ele registrou o eclipse (Stob. 4.46.10 + P. Oxy. 22.2313 Fr. 1a = Archil. Fr. 122 W) ocorrido em 6 de abril de 647 a.C.,

Χρημάτων ἀελλπτον οὐδέν ἐστιν οὐδ' ἀπώμοτον  
οὐδὲ θαυμάσιον, ἐπειδὴ Ζεὺς πατὴρ Ὀλυμπίων  
ἐκ μεσαμβρίας ἔθηκε νύκτ', ἀποκρύψας φάος  
ἡλίου τλάμποντος, λυγρόντ' δ' ἦλθ' ἐπ' ἀνθρώπους δέος.  
ἐκ δὲ τοῦ καὶ πιστὰ πάντα κάπτελλπα γίνεται  
ἀνδράσιν· μηδεὶς ἔθ' ὑμέων εἰσορέων θαυμαζέτω  
μηδ' ἐὰν δελφῖσι θῆρες ἀνταμείψωνται νομὸν  
ἐνάλιον, καὶ σφιν θαλάσσης ἠχέεντα κύματα  
φίλιτερ' ἠπιέρου γένηται, τοῖσι δ' ὑλέειν ὄρος.

Das coisas, nada há sem esperança, nem que deva ser rechazável, nem admirável, desde que Zeus, pai dos Olímpicos, do meio-dia fez noite tendo ocultado a luz do sol brilhante, e o temor funesto veio sobre os homens.

A partir disso, não só todas as coisas são críveis, mas também, esperáveis para os homens; ninguém, todavia, de vós que observais, fique admirado, nem se com os delfins as feras trocarem a morada

marítima, e a estas as ruidosas tormentas do mar  
 mais amadas venham a ser que a terra firme e, àqueles, a montanha  
 [coberta de árvores.

e que se referiu a Giges<sup>5</sup> (Plut. *De tranq. anim.* 470b-c = Archil. *Fr.* 19 W),  
 rei da Lídia entre 687 e 652 a.C.,

οὐ μοι τὰ Γύγεω τοῦ πολυχρύσου μέλει,  
 οὐδ' εἰλέ πῶ με ζῆλος οὐδ' ἀγαίομαι  
 θεῶν ἔργα, μεγάλης δ' οὐκ ἔρῳ τυραννίδος·  
 ἀπόπροθεν γάρ ἐστιν ὀφθαλμῶν ἐμῶν'

Não, a mim, as coisas(bens) de Giges de muito ouro interessam  
 nem a inveja me toma, nem admiro  
 as obras das divindades, não amo (desejo) a grande tirania;  
 longe, pois, de meus olhos estão.

o qual, segundo Heródoto (1.12.2), foi contemporâneo de Arquíloco, Γύγης τοῦ καὶ Ἀρχίλοχος ὁ Πάριος, κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον γενόμενος, ἐν ἰάμβῳ τριμέτρῳ ἐπεμνήσθη, “Giges, aquele que também Arquíloco de Paros, que viveu no mesmo tempo, em trímetros jâmbicos, mencionou”, tem-se concluído que o poeta viveu no século VII a.C.

Quanto a essa datação, entretanto, A. Hauvette<sup>6</sup> tem a opinião de que tal passagem não possui valor biográfico, pois o poeta poderia estar apenas fazendo uma referência a algo do passado, conhecido por meio da tradição, e F. Lassere<sup>7</sup> põe em dúvida o sincronismo temporal entre Giges e Arquíloco. F.R. Adrados<sup>8</sup>, por sua vez, diz que a citação ao eclipse do sol pode ser ambígua, mas admite que ‘es más verosímil que el poema del eclipse se escribiera el año 647 y Arquíloco hubiera nacido hacia el 687’. V. de Falco e A. de Faria Coimbra<sup>9</sup> partilham dessa mesma opinião. E. Vanderpool, na obra *New Inscriptions Concerning Archilochos*<sup>10</sup>, argumenta a favor dessa datação com base em uma inscrição de Tasos no cenotáfio do general Glauco, personagem freqüentemente citada por Arquíloco (Fr. 15, 48, 96, 105, 117 e

<sup>5</sup> L. CANFORA (Antologia della letteratura greca. L'età Arcaica, v. 1, Roma, Laterza, 1994, p. 371): “Il fatto che indichi Gige (Fr.19) come figura tipica del potere monarchico è com tutta probabilità un indizio cronologico...”

<sup>6</sup> *Archiloque, sa vie et ses poésies*, Paris, Albert Fontemoing, 1905, p.12.

<sup>7</sup> *Archiloque Fragments*, Paris, Les Belles Lettres, 1968, p. xxvi-vii.

<sup>8</sup> *Líricos Griegos. Elegíacos y Yambógrafos Arcaicos*, v. 1, Barcelona, Alma Mater, 1956, p. 4-5.

<sup>9</sup> *Os elegíacos gregos. De Calino a Crates*, São Paulo, 1941, p. 63.

<sup>10</sup> *AJPh* 76, 1955, 186-8.

131 W). J.A. López Férrez<sup>11</sup> lembra que há vários eclipses ‘candidatos’, o de 688, 661, 660 e 647 a.C., entre outros, mas ‘suele preferirse el de 647, que fue total em Tasos ... pero se ha argumentado a favor de los de 660 y 658 como posibles’. A. Lesky<sup>12</sup> diz que ‘diversas alusões nos seus poemas, como a que se refere a Giges no Fr. 22 D, confirmam que o eclipse do Sol (Fr. 74 D) por ele relatado foi o de 6 de abril de 648’, situando o poeta no tempo.

Arquíloco nasceu em Paros, uma das ilhas cicládicas, situada no mar Jônico, provavelmente na região de Mirrina<sup>13</sup>. Posteriormente, por razões financeiras e por ressentimentos contra Licambes que havia recusado dar-lhe Neobula em casamento<sup>14</sup>, foi para a ilha de Tasos, no mar Egeu, lugar onde o nobre Telesicles<sup>15</sup>, de quem era filho bastardo (Ἀρχιλοχος Πάριος Τελεσικλέος, ‘Arquíloco de Paros, filho de Telesicles’, *CEG* 2.674 Hansen<sup>16</sup>), havia fundado uma colônia em torno do ano 684 a.C.

A impressão que ele nos deixa sobre Tasos não é a das melhores. Segundo o poeta (Strabo 8.6.6 = Archil. *Fr.* 102 W), Πανελλήνων οἰζὺς ἐς Θάσον συνέδραμεν, ‘de todos os gregos, a desgraça para Tasos concorreu’. Em outro momento, afirma (Heraclid. *Lemb.* 22 Müller<sup>17</sup> = Archil. *Fr.* 20 W): κλαίω τὰ Θασίων, οὐ τὰ Μαγνήτων κακά,<sup>18</sup> ‘choro os males de Tasos, não os de Magnésia’. E ainda, Θάσον δὲ τὴν τρισσιζυρὴν πόλιν, ‘Tasos, cidade três vezes desgraçada’ (Eust. 1543.45 = Archil. *Fr.* 228 W).

Depois de suas más experiências em Tasos, Arquíloco partiu para Esparta e, de lá, segundo Valério Máximo (6.3) e Plutarco (*Apoph. Lac.* 239 b-c), foi expulso por covardia, ato que se contrapunha aos padrões da cidade. Paula C. Corrêa<sup>19</sup> destaca: ‘como bom cético, [Sexto Empírico] abstém-se de julgamentos, constatando apenas que Arquíloco se jacta daquilo que, entre os lacedemônios, seria punido por lei’. Assim, após andar pela Itália Meridional,

<sup>11</sup> 1988, p. 124.

<sup>12</sup> 1995, p. 136.

<sup>13</sup> F. LASSERE, *Archiloque...*, p. v.

<sup>14</sup> Não há evidências de que Arquíloco tenha se casado. J.M. EDMONDS (*Greek Elegy and Iambus*, v. 2, London, Harvard University Press, 1961, p. 315-22) sugeriu que ele havia se casado com uma mulher chamada Tereina, uma ex-prostituta. Contrário a essa ideia, H.D. RANKIN (*Archilochus of Paros*, New Jersey, Noyes Press, 1977, p. 20) afirma: ‘romantic hypothesis is based upon an ingenious rather than convincing reconstruction of the Sosthenes inscription.’

<sup>15</sup> Segundo A. LESKY (1995, p. 136), o colonizador de Tasos foi Telesicles, bisavô de Arquíloco; seu pai possuía o mesmo nome do famoso antepassado. Para J.A. LÓPEZ FÉREZ (1988, p.121), F. LASSERRE (*Archiloque...*, p. viii) e V. DE FALCO (1941, p. 63), o próprio pai do poeta foi o fundador de Tasos.

<sup>16</sup> Ver DOUGLAS E. GERBER, *Greek Iambic Poetry*, London, Harvard University Press, 1999, p. 14. <sup>17</sup> = Fr. 50 Dils = FGtH 2.218.

<sup>18</sup> LÓPEZ FÉREZ (1988, p. 124) entende que tal fragmento ‘dice simplesmente que Arquíloco se duela por la presente guerra de Tasos, no por la ya antigua de Magnesia.’

<sup>19</sup> *Armas e Varões. A guerra na lírica de Arquíloco*, São Paulo, EdUNESP, 1998, p; 113.

regressou ao local onde nasceu e encontrou a morte em luta contra os habitantes de Naxos<sup>20</sup>. Uma lenda diz que a Pítia expulsou Calondas do templo de Apolo, pois matara o poeta que cultivava o amável dom das Musas.

Apesar dos poucos documentos que chegaram até nós da obra de Arquíloco<sup>21</sup>, ‘a importância e o valor que os antigos lhe conferiam evidenciam-se pelas referências que a ela fizeram poetas, sofistas e filósofos, pelo trabalho que os gramáticos lhe dedicaram, e pela constante aproximação ou confrontação de seus poemas com os de Homero’.<sup>22</sup>

## O momento poético

A poesia de Arquíloco é geralmente definida como impregnada de cru realismo<sup>23</sup> e é apresentada como sendo uma original e revolucionária reavaliação humana, pois nela está sempre em jogo a totalidade<sup>24</sup> do ser humano. O poeta isso faz por meio de reflexões sobre o homem e sobre suas paixões, combinadas a um caráter parenético, visando a uma reforma do indivíduo. Nesse contexto, conforme Gilda N.M. de Barros<sup>25</sup>, tal realismo<sup>26</sup> é produto de uma nova época, de novas criações desenvolvidas nos mais diversificados sentidos<sup>27</sup>.

<sup>20</sup> V. DE FALCO e A. DE FARIA COIMBRA, 1941, p. 64.

<sup>21</sup> K.J. DOVER, in \_\_\_\_\_ (ed.), *Literatura en la Grecia antigua. Panorama del 700 (a.C.) al 500 (d.C.)*, Madrid, Taurus, 1986, p. 43, afirma: ‘su poesía, elegíaca y yámbica, trata del mundo en que vive, habla de las reacciones que los acontecimientos contemporáneos, públicos y privados, le provocan: política, guerra, naufragios y asuntos personales.’

<sup>22</sup> PAULA C. CORRÊA, 1998, p. 29.

<sup>23</sup> Por sua mordacidade, Arquíloco recebeu de Píndaro (*P.* 2.55-6) a qualidade de “censurador”, ψογερὸν Ἀρχίλοχον βαρυλόγοις ἔχθεσιν / πταινόμενον, “o censorador Arquíloco, com odiosas palavras pesadas (maledicências) / mostrando (acusando)”.

<sup>24</sup> W. JAEGER (*Paidéia*, São Paulo, Martins Fontes, 1995, p. 151) diz: ‘numa poesia como a de Arquíloco, o ‘eu’ individual busca exprimir e representar em si próprio a totalidade do mundo objetivo e suas leis.’

<sup>25</sup> *Sólon de Atenas*, São Paulo, Humanitas, 1999, p. 23-4.

<sup>26</sup> PAULA C. CORRÊA (1998, p. 55-6) discorda, pois o “realismo lírico” já estava presente em Homero e, portanto, não se trata de uma evolução no desenvolvimento da individualidade. O discurso em primeira pessoa do singular, do “eu” lírico, não pode ser considerado um ‘desenvolvimento do novo período, pois já teria existido na lírica pré-literária’. Ela ainda nos esclarece (p. 59): ‘a lírica grega literária não é assim tão ‘pessoal’ (...). Se considerarmos os poemas de Arquíloco, por exemplo, talvez o papel de seus jambos no culto a Deméter seja subestimado, e alguns poemas, tidos como ‘pessoais’ por expressarem ‘dores do indivíduo’, sejam mais religiosos e tradicionais do que geralmente se supõe.’

<sup>27</sup> ‘Houve, evidentemente, mudanças na Grécia antiga, mas graduais. A *história do Espírito* de Homero a Platão não se fez por revoluções entre períodos claramente demarcados, com verdadeiras rupturas entre os momentos da história grega (...). Não só a distância entre Homero e Arquíloco é insuficiente para transformações tão drásticas, mas a própria anterioridade de Homero com relação a Hesíodo é ainda questionada’ (Idem, p. 58).

É nessa perspectiva que se tem captado em Arquíloco um novo entusiasmo criador que ultrapassa os quadros específicos da epopéia em direção à lírica. F. Lassere<sup>28</sup> afirma: ‘sa poésie exprime directement ses émotions, elle est une réponse aux événements de sa vie, elle est personnelle’. Arquíloco fala do que sente, do que sofre, do que gosta; explora as emoções. Para B. Snell<sup>29</sup>, ‘na lírica surgem pela primeira vez os poetas como personalidades’ e disso conclui que ‘a distinção mais notável da lírica e do período arcaico ante a poesia épica é o despertar de poetas que falam de si próprios, cientes de sua individualidade’. A criação poética de Arquíloco, pela descoberta do indivíduo, pela exploração da individualidade<sup>30</sup>, apresenta certa independência interior incompatível com qualquer tipo de controle. Rebelde aos padrões épicos, conduziu as temáticas de sua obra ao chiste.

Mesmo que ainda creia na velha religião de Hesíodo em que Zeus, soberano, castiga aquele que quebra o juramento e a fidelidade, Arquíloco não parece tão certo da coerência do procedimento divino (mas não se trata de um rompimento com o mundo épico, pois em Homero já aparece tal questão, como veremos a seguir). Embora ele testemunhe que a Zeus não passam despercebidas a justiça e injustiça dos homens (Stob. 1.3.34 = Archil. Fr. 177 W), ele também afirma que há dependência total dos mortais em relação aos deuses (Stob. 4.41.24 = Archil. Fr. 130 W). Mesmo que Zeus, entre os deuses, seja o mais verdadeiro adivinho e que só ele disponha do fim (Aristides or. 45, ii.51.17 Dindorf = Archil. Fr. 298 W); que o ânimo dos mortais varie segundo o dia que lhes envia Zeus (Stob. 1.1.18 = Archil. Fr. 131 W); que a vitória esteja na mão dos deuses (Clem. Al. Strom. 6.2.6.6.2 = Archil. Fr. 111 W); que a Τύκη e a Μοῖρα dêem tudo aos mortais (Stob. 1.6.3 = Archil. Fr. 16 W) também, por sua vez, ambigualmente, o esforço e o zelo tudo proporcionam aos homens (Syrian. in Hermog. 1.6.12 Rabe = Archil. Fr. 17 W), πάντα πόνος τεύχει θνητοῖς μελέτη τε βροτείη, “o esforço, o cuidado humano produz todas as coisas aos mortais.”

Mas essa defendida *descoberta do indivíduo*, essa expressão de sentimentos é estranha à poesia lírica arcaica. Contra a posição de que as dores e as esperanças do indivíduo são mais traços genéricos da lírica do que da épica, Paula Corrêa afirma<sup>31</sup>: ‘basta folhear uma antologia de lírica arcaica para perceber que um grande número desses poemas não se ocupa de tais temas’.

<sup>28</sup> *Archiloque...*, p. v.

<sup>29</sup> *A descoberta do espírito*, Edições 70, Rio de Janeiro, 1992, p. 82.

<sup>30</sup> Para F.R. ADRADES (1956, p. 16), o poeta é um ‘ejemplo del ardiente y desquiciado individualismo de la época’; para B. SNELL (1992, p. 90), Arquíloco aparece como ‘um individualista desenfreado’.

<sup>31</sup> 1998, p. 56.

Dessa forma, não se pode interpretar a poesia lírica arcaica como um rompimento<sup>32</sup> pelo novo<sup>33</sup>, como uma espécie de despojamento do mundo homérico. Na *Iliada*, já aparecem questões que equivocadamente foram apontadas como sendo específicas da lírica como, por exemplo, o conflito entre a soberania divina e a responsabilidade humana<sup>34</sup>. A. Lesky<sup>35</sup> reconhece que ‘o problema sobre o modo como se opõem a divindade e o homem atinge o núcleo do mundo homérico’ e que não se pode reduzir a relação entre os deuses e os homens a fórmulas ético-religiosas. Embora geralmente se afirme que as decisões e sentimentos em Homero não têm origem no próprio homem e que tudo o que este faz é obra dos deuses<sup>36</sup>, Lesky<sup>37</sup> nos esclarece:

A ação divina e a vontade humana que sempre estão intimamente associadas à essência das figuras, apresentam-se-nos como duas esferas que se completam mutuamente, mas que também podem chegar a contrapor-se. Em geral, é tal a maneira como ambas intervêm no desenvolvimento e no resultado final, que não é lícito isolar uma delas. A aliança destas duas esferas no mundo homérico é totalmente irreflectida e não-problemática.

Por meio de uma ‘dupla motivação’, em que as divindades incentivam os homens àquilo que estão dispostos e capacitados a fazer, “o herói homérico é capaz de tomar decisão (...); a existência de uma noção de responsabilidade evidencia-se pela necessidade que sente de reparar seu erro”<sup>38</sup>, não havendo, portanto, razões suficientes para que tal questão seja considerada como própria de uma nova época anti-homérica por não ser, nem uma, nem outra coisa.

<sup>32</sup> H. FRÄNKEL (*Early Greek Poetry and Philosophy*, Oxford, Basil Blackwell, 1975, p. 149) defende a ruptura: ‘with barbaric abruptness he completed the transformation from the epic to the lyric age, and he formulated a revolutionary programme with Greek clarity.’

<sup>33</sup> É evidente que novos sentidos também são possíveis, pois ‘o poeta lírico também pode jogar com formas convencionais de modo inovador, dando-lhes novos sentidos. Mas isso é impossível averiguar porque quando ele nos parece estar criando, a partir da tradição, uma expressão nova, pode estar apenas empregando uma fórmula não atestada em Homero e nas demais fontes que nos foram transmitidas’ (CORRÊA, 1998, p. 108).

<sup>34</sup> Ver *Iliada* 1.188ss.; 9.119, 19.86-7,137; 22.359. Na *Odisséia* (6.207, 14.57), forasteiros e mendigos procedem de Zeus, embora também se afirme (17.485) que os deuses gostam de visitar as cidades dos mortais, tomando forma humana, para verificarem os delitos e as ações injustas.

<sup>35</sup> 1995, p. 86.

<sup>36</sup> Analisando o fragmento 104 D, B. SNELL (1992, p. 92) vê um amor imprudente e infeliz; o ‘eu’ lírico é o próprio Arquíloco. Em razão do último verso que diz ‘por vontade dos deuses’, afirma ele que o poeta retrata sua experiência amorosa aos moldes da concepção homérica em que os sentimentos não procedem espontaneamente do homem, mas procedem dos deuses. O novo, para Snell, é que Arquíloco recebe o amor com particular intensidade, convertendo-o em seu contrário, isto é, num sentimento de morte.

<sup>37</sup> 1995, p. 93.

<sup>38</sup> 1998, p. 39.

Quanto às conclusões de que a poesia lírica estaria impregnada de pura originalidade, é correto afirmar que ocorrem arbitrariedades em interpretações de certas passagens, dando-lhes significações que não lhe são próprias para efeito atestatório. Snell<sup>39</sup> faz comparação entre os fragmentos 131-2 W com a *Odisséia* 18.136 e, para ele, o que se percebe é que ‘algo de realmente novo surge no mundo’. Corrêa<sup>40</sup> contrapõe essa afirmação e diz que, embora se ‘afirme não haver nada de novo no tema tratado, ele julga, de forma aparentemente arbitrária, que nesses versos o poeta lírico atinge uma percepção mais aguda de si em sua particularidade, o que seria *algo de realmente novo no mundo grego*’. Enquanto, por um lado, alguns interpretam Arquíloco como exemplo de uma nova mentalidade, representante de uma época original e revolucionária<sup>41</sup>, Corrêa<sup>42</sup> defende: ‘quanto à ideologia ... em Arquíloco, o que se rotula como *anti-homérico* pode ser apenas *anti-heróico*.<sup>43</sup>

O fragmento 114 W, e.g., tem sido interpretado como amostra desse novo espírito lírico arcaico. Nele, o poeta lírico estaria menosprezando o grande general homérico de fisionomia, movimentos e qualidades interiores e exteriores nobres, e mostra sua preferência por um outro que seja feio e de pernas tortas, mas corajoso<sup>44</sup>; assim, em teoria, estaria desvinculando a coragem da beleza física e inaugurando um novo ideal<sup>45</sup> anti-homérico: o da feiúra cheia de caráter. Para Corrêa<sup>46</sup>, a defesa desse ponto de vista é uma extrapolação.

<sup>39</sup> 1992, p. 85.

<sup>40</sup> 1998, p. 57-8.

<sup>41</sup> GILDA N.M. DE BARROS (1999, p. 31 e seg.) diz que Arquíloco bem representa a crise do herói. Para ela, foi Arquíloco quem melhor representou um novo espírito, transpondo o umbral da velha epopéia, embora Tirteu e Píndaro tivessem dado uma formulação diferente ao heroísmo homérico. O herói não mais está preso a uma armadura arcaica, não mais está preso ao culto de uma ‘ética que subordinava a vida a certos valores; dá um grande passo no caminho que o levaria ao encontro de sua natureza’. Trata-se de um heroísmo novo que ‘reclama os direitos do indivíduo contra qualquer outro valor’.

<sup>42</sup> 1998, p. 60.

<sup>43</sup> J.A. LÓPEZ FÉREZ (1988, p. 125-6) não assume uma posição radical de que o poeta é completamente anti-homérico. Para ele, ‘Arquíloco es en cierto modo un anti-Homero, pero también un parangón de Homero: hay pilares con las dos cabezas en posición inversa. (...) Pero es que Arquíloco, que es tan antihomérico en tantas cosas, también está en la gran tradición griega.’

<sup>44</sup> F.R. ADRADOS (1956, p. 6): ‘prefiere un general poco conforme con la tradición épica, pero efectivo.’

<sup>45</sup> H. FRÄNKEL (1975, p. 135-6) acredita que Arquíloco enfrenta energicamente os ideais épicos, defendendo uma nova ideologia: ‘Archilochus vigorously combats exaggerated ideals and stands up for sturdy common sense without cant. (...) This is roughly the attitude of lyric poetry at the time when its founder Archilochus broke with traditional ideologies in order to put something totally new their place. We shall now look into the poems and personality of Archilochus.’

<sup>46</sup> 1998, p. 140 e 153.



E embora muitos vejam no *Fr.* 5 W (e em tantos outros!) a depreciação da honra heróica, pois os pensamentos do poeta, não poucas vezes, teriam contrariado princípios básicos e gerais que costumavam orientar o ser humano, contestado a certas crenças<sup>47</sup> ordinárias e compartilhadas e desafiado a opiniões tradicionalmente consabidas no que tange às atitudes de um soldado, ‘os valores presentes nesses versos ... não são absolutamente novos, nem anti-homéricos, mas, talvez, apenas anti-heróicos’.<sup>48</sup>

O que teria, então, chocado Crítias? É provável que tenha sido a falta de pudor de Arquíloco ao difamar-se<sup>49</sup>. Mas, apesar dos comentários de Heráclito (*Fr.* 22B DK, 42), de Píndaro (*P.* 2.54 e 55) e de Crítias, a glória do poeta aos olhos da posteridade não foi diminuída, pois “le admira el propio Píndaro (*O.* 9.1 y ss.) y le imita toda a Comedia, que está dentro de su espíritu: Aristófanes, desde luego, pero también Cratino que escribió unos Arquílocos, cuyo coro multiplicaba al poeta de Paros.”<sup>50</sup>

### ***Fr.* 19 W: Giges de muito ouro**

οὔ μοι τὰ Γύγεω τοῦ πολυχρύσου μέλει,  
οὐδ' εἰλέ πῶ με ζῆλος, οὐδ' ἀγαίομαι  
θεῶν ἔργα, μεγάλης δ' οὐκ ἔρέω τυραννίδος·  
ἀπόπροθεν γάρ ἐστιν ὄφθαλμῶν ἐμῶν.

Não, a mim, as coisas de Giges de muito ouro interessam,  
nem a inveja me toma, nem admiro  
as obras das divindades, não amo (desejo) a grande tirania;  
longe, pois, de meus olhos estão.

Tanto quanto os demais fragmentos de Arquíloco, o *Fr.* 19 W também é alvo de variados comentários, possuindo fontes diversas que nos auxiliam em sua interpretação. F.R. Adrados e F. Lassere defendem que esses versos pertenciam ao início de um poema maior. Adrados<sup>51</sup> acredita que lhe per-

<sup>47</sup> Para BARROS (1999, p. 143), ‘a estrutura polarizada, assim como a rejeição de um valor comumente aceito em vista de outro, seja este ‘novo’ ou ‘menos popular’, são traços típicos da literatura grega arcaica.’

<sup>48</sup> PAULA C. CORRÊA, 1998, p. 132. K.J. DOVER (*Literatura en la Grecia antigua. Panorama del 700 (a.C.) al 500 (d.C.)*, Madrid, Taurus, 1986, p. 44) diz que tal passagem foi ‘célebre en la Antigüedad y a veces há sido esgrimida como señal de reacción contra los valores homéricos. En realidad Arquíloco estaba hablando simplemente como un soldado más que conocía la realidad de la guerra: en absoluto estaba atacando ideal alguno o proponiendo el suyo.’

<sup>49</sup> 1998, p. 115.

<sup>50</sup> J.A. LÓPEZ FÉREZ, 1988, p. 131.

<sup>51</sup> 1956, p. 54.

tencia também o fragmento 227 W<sup>52</sup>, ὁ δὲ Ἀσίης καρτερὸς μηλοτρόφου, “o forte criador de ovelhas da Ásia”, ‘que prueba que Arquíloco hablaba ampliamente del poderío de Giges, cuyo acceso al trono contaba (cf. Hdt. 1.12); Arquíloco debía de hablar en el poema de su modesta situación.’ Para Lassere<sup>53</sup>, ‘les fragments 15 à 19 ont vraisemblablement fait partie du même poème: le fragment 15 en donne — le fait est attesté par plusieurs citateurs — les quatre premiers vers’. Aristóteles, na *Retórica* (1418b), faz referência a tal poema dizendo: καὶ τὸν Χάρωνα τὸν τέκτονα ἐν τῷ ἰάμβῳ οὗ ἀρχὴ οὐ μοι τὰ Γύγεω, “e Caronte, o carpinteiro, no poema iâmbico, do qual o começo é ‘não a mim as coisas de Giges’.

Heródoto (1.12), uma das fontes mais antigas<sup>54</sup> que temos até o presente momento, garante-nos que Arquíloco fez alusão a Giges, que subiu ao trono da Lídia após ter matado Candaules por conspiração. O historiador grego fortalece certa datação quanto à época em que viveu o poeta, pois testemunha a favor de sua contemporaneidade em relação aos fatos. Assim, enquanto relata os eventos que ocorreram na casa de Candaules, não só nos revela quem foi Giges e em que condições se tornou rei, mas também que Arquíloco, κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον γενόμενος, o menciona em seu poema:

Ὡς δὲ ἤρτυσαν τὴν ἐπιβουλήν, νυκτὸς γενομένης (οὐ γὰρ ἐμετίετο ὁ Γύγης, οὐδέ οἱ ἦν ἀπαλλαγὴ οὐδεμία, ἀλλ’ ἔδεε ἢ αὐτὸν ἀπολωλῆναι ἢ Κανδαύλην) εἶπετο ἐς τὸν θάλαμον τῇ γυναίκε. Καί μιν ἐκείνη ἐχειρίδιον δοῦσα κατακρύπτει ὑπὸ τὴν αὐτὴν θύρην. Καί μετὰ ταῦτα ἀναπαυομένου Κανδαύλεω ὑπεκδύς τε καὶ ἀποκτείνας αὐτὸν ἔσχε καὶ τὴν γυναῖκα καὶ τὴν βασιλιήνην Γύγης· τοῦ καὶ Ἀρχίλοχος ὁ Πάριος, κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον γενόμενος, ἐν ἰάμβῳ τριμέτρῳ ἐπεμήσθη.

Assim, prepararam o projeto e a noite chegou (Giges, pois, não foi liberto, nem mesmo existia escape algum, mas era preciso ou matar-se ou a Candaules); seguiu para o quarto com a mulher, e ela, tendo-lhe dado um punhal, esconde-o atrás da mesma porta. E depois destas coisas, enquanto Candaules repousava; tendo saído furtivamente e tendo-o ma-

<sup>52</sup> ADRADOS (idem) numera o fragmento 19 W como 102 (22 D) e o que ora citamos como 103 (23 D); D. Gerber (*Greek Iambic Poetry*, London, Harvard University Press, 1999), por sua vez, 19 e 227; LASSERE (*Archiloque...* p. 8), 15 e 16, respectivamente, sobre o qual diz ‘... quant au fragment 16, il s’applique certainement à Gyges.’

<sup>53</sup> Idem.

<sup>54</sup> Rufinus (século V d.C.), em sua gramática (*Gramm. Lat.* 6.563.18), utiliza uma obra de Iuba (século II d.C.) e faz menção a apenas algumas poucas palavras iniciais do poema de Arquíloco, as quais, segundo ele, foram preservadas por Heródoto: *meminit autem versus eius Herodotus quem applicui* οὐ μοι μέλει, “Herodoto, que eu apliquei, lembra os versos dele, ‘não a mim interessa’.”

tado, Giges não só teve a mulher, mas também, o reino, o que também Arquíloco de Paros, nascido segundo o mesmo tempo, em trímetros jámbicos, mencionou.

Entretanto, a parte final desse excerto tem sido considerada, por alguns comentadores, ou espúria, ou escrita em forma de nota marginal, com posterior incorporação ao texto que chegou até nós. A.D. Godley<sup>55</sup> afirma: ‘Stein brackets the words τοῦ καὶ - ἐπεμνήσθη as superfluous and therefore probably spurious’, o que E. Legrand<sup>56</sup> já havia asseverado: ‘la phrase τοῦ καὶ Ἀρχίλοχος ἐπεμνήσθη doit être une addition au texte primitif.’

Quanto à interpretação do trecho, segundo F.R. Adrados<sup>57</sup>, o impasse relativo à responsabilidade humana criou para os líricos um sério problema: o de repensar qual sentido atribuir à ação. Para Gilda N.M. Barros<sup>58</sup> um dos caminhos pelos quais a questão irá resolver-se é o ideal de *mediania*, presente, com maior ou menor intensidade, em Arquíloco, Sólon, Teógnis, Píndaro e outros, e que impõe a restrição da conduta, o medo do excesso, o *apressate devagar*. Assim, ‘da visão grega da vida sempre fez parte a idéia de que o homem não deve ultrapassar os limites de sua própria dimensão e que a ruptura desse princípio pode desencadear a cólera dos deuses’. Advertências nesse sentido já podiam ser encontradas na epopéia, mas a lírica irá diferir no sentido de que, ‘vinda de todas as partes, ecoa, insistente, a parênese à mediania’. De acordo com a autora, tal exortação moral ganha um sentido mais profundo à luz do clima geral de insegurança<sup>59</sup> que paira sobre o homem grego nos conturbados tempos que se seguiram à idade homérica<sup>60</sup>:

Assim, é de se julgar que a instabilidade dos tempos tenha uma estreita ligação com a crise de valores que podemos sentir na literatura da época. É muito significativo que a esse tempo retorne, com grande insistência, um tema já com precedentes na Épica, o da mediania. Agora, vem ele ligado ora aos problemas da comunidade ora aos do indivíduo.

Como afirma Barros, face à crise de valores vivida pelo homem grego da idade arcaica, a partir de um dado momento impreciso do século VII a.C.

<sup>55</sup> *Herodotus*, London, Harvard University Press, 1966, p. 16.

<sup>56</sup> *Hérodote. Histoires*, Paris, Belles Lettres, 1956, p. 38.

<sup>57</sup> *Ilustración y Política en la Grecia Clásica*, Madrid, Revista de Occidente (Biblioteca de Política y Sociología 3), 1966, p. 69.

<sup>58</sup> 1999, p. 46.

<sup>59</sup> Para B. SNELL (1992, p. 91), ‘Arquíloco segue objectivos pessoais, os seus versos servem-lhe não só para a acção, pois é evidentemente também um homem activo, mas também para expressar os seus sentimentos, para proclamar a miséria e a insegurança da vida humana.’

<sup>60</sup> BARROS, 1999, p. 47.

verificou-se, na Grécia, uma ‘efervescência religiosa acompanhada do medo da poluição hereditária ou adquirida’. Em razão disso, intensificaram-se ‘as práticas e ritos purificatórios’, tornaram-se ‘frequêntes as experiências chamamísticas’ e se impôs ‘com acentuado destaque a idéia de que a injustiça não fica impune’. Daí, a necessidade de expiação tornou-se característica do sentimento religioso, pois se acreditava que a reparação atingia o próprio agente, seja numa vida post-mortem, seja na pessoa de um descendente. É a partir desse fenômeno que E.R. Dodds<sup>61</sup> distingue, na lírica, uma cultura de culpabilidade.

Dessa forma, pela aceitação sem revolta dos sofrimentos da existência, Arquíloco apregoa no *Fr. 19* justamente o ideal da *aurea mediocritas* do carpinteiro Caronte. Embora reconhecendo a dependência que coloca o homem nas mãos da divindade, da fortuna e do destino, ‘Arquíloco fala da paciente resignação, presente que os imortais concederam aos mortais como remédio aos males sem remédio’.<sup>62</sup>

Quando se tem a desoladora sensação de que sobre toda ação paira o perigo, de que se pode ser surpreendido por um dos presentes dos imortais, soa como uma tábua de salvação o *nada em excesso*. Nesses termos, o ideal da mediania constituía-se para os líricos num princípio que, restringindo a ação, não conduzia necessariamente à mediocridade, à acomodação, mas diminuía os riscos do insucesso.

Em F.R. Adrados encontramos uma defesa dessa interpretação. Segundo ele, o individualismo do século VII busca uma nova norma, não mais tradicional, para o realizar humano. Ele sugere entender essa *nova norma* sob dois aspectos: positiva e negativamente. Enquanto o primeiro, que é sentido em Arquíloco com paixão, consiste em uma

concepción moral de la divinidad, de Zeus sobre todo, que a veces aparece ya en Homero y es ya plenamente consciente en Hesíodo. Esta idea es la que, incluso expresada a veces con plena sinceridad religiosa... preside todos los violentos ataques personales de nuestro poeta.<sup>63</sup>

A índole negativa da norma constitui-se em reconhecer os limites das aspirações humanas, em respeitar os limites fixados pelos deuses. É nessa inclinação que Arquíloco

llega a proponer el ideal de la *aurea mediocritas* (Fr. 102<sup>64</sup>). Los sentimientos de los hombres están determinados por las circunstancias

<sup>61</sup> *Les Grecs et l'Irrationnel*, Paris, Aubier Montaigne, 1965, p. 19, 38 e seg.

<sup>62</sup> GILDA N.M. BARROS, 1999, p. 47-8.

<sup>63</sup> *Líricos...*, p. 17.

<sup>64</sup> Ver nota 52.

exteriores, que dependen de los dioses...; éstos elevan y humillan alternativamente...; la única respuesta adecuada por nuestra parte es la resignación..., que Homero aconsejaba en casos particulares y ahora se convierte en una norma general.<sup>65</sup>

Mas adverte<sup>66</sup>:

Este sentimiento de inseguridad ante las fuerzas irracionales y esta recomendación de la resignación como único remedio, ha sido considerado a veces como lo más original de Arquíloco. Sin embargo, es una posición visible ya, como decíamos, en determinados pasajes de Homero y que se extiende entre la aristocracia del siglo VII.

W. Jaeger<sup>67</sup> considera o fragmento como um dos didáticos e reflexivos. Tendo em vista que tudo que o homem tem lhe é dado pela Τυχή e pela Μοῖρα, muitas vezes a divindade eleva subitamente o homem esmagado pelo infortúnio ou derruba aquele que está em pé, ‘mas a luta do Homem contra o destino é transferida do mundo sublime dos heróis para a esfera da vida cotidiana’ e, assim, o palco do drama é a vida do poeta que ‘a exemplo da epopéia, sente a sua personalidade humana ativa e sofredora’. Desse modo, ‘quanto mais livre e conscientemente o “eu” humano aspira a dirigir os passos do seu pensamento e da sua ação, tanto mais fortemente vinculado se sente ao problema do destino’.

A luta para obter a independência significa, em grande medida, ‘a renúncia a muito do que o Homem recebeu da Tykh<sup>68</sup> como dom<sup>69</sup>, e Arquíloco faz a confissão de que só é possível um homem interiormente livre ‘numa forma de vida escolhida e determinada por ele mesmo’. Para Jaeger, então, o poeta lírico faz a justa *escolha de vida* ao renunciar às riquezas de Giges, ao não ultrapasar as fronteiras entre o Homem e Deus e não estender a mão à força do tirano. Na voz do poeta, tudo isso ‘longe, pois, de meus olhos estão’. Arquíloco, dessa forma, estaria revelando uma auto-submissão às próprias limitações, consciente e livre da autoridade da tradição. Jaeger completa dizendo: ‘a poesia da nova época nasce da necessidade, experimentada pelo indivíduo livre, de separar progressivamente o humano

<sup>65</sup> Idem, p. 18.

<sup>66</sup> Ibidem,

<sup>67</sup> 1995, p. 159-62.

<sup>68</sup> Transliteração presente no texto citado.

<sup>69</sup> QUINTINO CATAUDELLA (*Intorno ai lirici greci*, Roma, Ateneo, 1972, p. 55) cita as palavras de Fraccaroli, que disse ‘i miracoli di poteza, di ricchezza, ecc..., che non possono attribuirsi se non a speciale intervento divino’, e é assim que se deve entender, para ele, a expressão τεῶν ἔργα.

do conteúdo mítico da epopéia, na qual se havia exprimido até então’.

Para B. Snell<sup>70</sup>, uma contraposição entre ‘o pomposo universalmente reconhecido e a simplicidade do mais essencial’ não ocorre em Homero<sup>71</sup>. Anacreonte repudia o que outros desejariam, isto é, ‘a cornucópia de Amalteia ou o vasto domínio sobre as ricas terras do Ocidente’, mas dele não se conservou o texto em que expressava suas próprias preferências. Diferentemente ocorre em Arquíloco, pois nos ‘permite reconhecer ainda claramente como ele liga o *preâmbulo*<sup>72</sup> à *glorificação* convencional, ao ‘macarismo’,<sup>73</sup>

Giges é rico em ouro, portanto, ὄλβιος; os deuses encheram-no de dádivas, é εὐδαίμων; a posse do poder faz que ele apareça semelhante aos deuses, ισόθεος; tudo isto mereceria um macarismo, uma canção glorificatória.

Mas, no fragmento 19 W, o poeta expressa sua opinião e recusa o apreço geral que é atribuído a Giges e à sua riqueza, opondo-se ao pomposo<sup>74</sup>. No *preâmbulo*, Arquíloco diz o que ele próprio considera mais importante do que os valores tradicionais.

Para Lasserre<sup>75</sup>, Arquíloco poderia estar respondendo a um oráculo délfico que lhe fez a previsão de que reinaria em Tasos, de que lá seria um tirano. Para ele, ‘cet oracle lui offre la gloire, mais il la décline pour la raison qu’apporte le vers 4, confirmant le vers 2: il n’a pas d’ambition et Thasos est loin de son horizon’. Tal hipótese parece improvável, não recebendo corroboração de outros comentadores.

Segundo Aristóteles<sup>76</sup>, toda a composição tinha sido posta na boca de um carpinteiro chamado Caronte (*Rh.* 1418b):

εἰς δὲ τὸ ἦθος, ἐπειδὴ ἔνια περὶ αὐτοῦ λέγειν ἢ ἐπίφθονον ἢ μακρολογία ἢ ἀντιλογία ἔχει, καὶ περὶ ἄλλου ἢ λοιδορίαν ἢ ἀγροικίαν, ἕτερον χρῆ λέγοντα ποιεῖν, ὅπερ Ἴσοκράτης ποιεῖ ἐν τῷ

<sup>70</sup> 1992, p. 87.

<sup>71</sup> Embora o próprio Snell aponte exceções ao que afirmou, como na *Iliada* 1.167 e na *Odisseia* 6.208.

<sup>72</sup> Ao comentar os líricos, SNELL (p. 86) diz que os poetas servem-se do ‘preâmbulo’, que consiste em ‘pôr em relevo uma coisa, confrontando a própria opinião com a que outros têm.’

<sup>73</sup> 1992, p. 88.

<sup>74</sup> CORRÊA (1998, p. 98) diz que o *Fr.* 19 reserva ‘para o ouvinte uma surpresa que, no final, rompe uma ilusão mantida.’

<sup>75</sup> *Arquiloque...*, p. 8.

<sup>76</sup> Em um escólio *ad loc.* à *Retórica* de Aristóteles, *Comm. in Arist. Graeca* xxi (2) 256.6, encontramos as primeiras palavras do verso e um comentário negando uma riqueza particular: ‘οὐ μοι τὰ Γύγεω’, ἦτοι οὐχ οὕτως ἐγὼ πλούσιος ὡς τινὲς λέγουσιν, “*não a mim as coisas de Giges, em verdade, não sou rico como Giges, como alguns falam.*”

Φιλίππῳ καὶ ἐν τῇ Ἀντιδόσει, καὶ ὡς Ἀρχίλοχος ψέγει· ποιεῖ γὰρ τὸν πατέρα λέγοντα περὶ τῆς θυγατρὸς ἐν τῷ ἰάμβῳ “χρημάτων ... ἀπώμοτον” (Fr. 122.1) καὶ τὸν Χάρωνα τὸν τέκτονα ἐν τῷ ἰάμβῳ οὐ ἀρχὴ “οὔ μοι τὰ Γύγεω”.

E em relação ao caráter, depois de dizer algumas coisas a respeito de si mesmo, tem ou inveja, ou prolixidade, ou controvérsia; e, a respeito de outro, ou injúria, ou grosseria; o outro, falante, é preciso fazer o que Isócrates faz em Philippus e em Antídosis, e como Arquíloco faz censura. [Este] faz, pois, o pai falando a respeito da filha no poema iâmbico “das coisas ... rechaçável” (Fr. 122.1) e Caronte, o carpinteiro, no poema iâmbico, do qual o começo é 'não a mim as coisas de Giges.’”

Adrados<sup>77</sup> diz que o fragmento é um elogio à mediania imputado a um carpinteiro, forma imitada por Horácio em seu epodo II quando elogia pela boca de *Alfius*<sup>78</sup>. Lassere<sup>79</sup> diz que Aristóteles notou que o poeta, para evitar ser demasiadamente insolente, põe as suas palavras na boca de um outro, do carpinteiro Caronte, personagem fictício<sup>80</sup>. K.J. Dover<sup>81</sup> diz que Aristóteles acreditava que falar *in propria persona* poderia ser uma falha de caráter. Segundo A.P. Burnett<sup>82</sup>, Aristóteles disse que Arquíloco pôs as palavras na boca de um personagem imaginário porque este não queria receber seus excessos sobre si mesmo; mas ‘we do not know what the imaginary situation was, why the poet made his speaker an artisan, or how the sequence came to an end’. Para Burnett, possivelmente o carpinteiro anunciou com rude exatidão apenas o que ‘he and his tools would like to do to an enemy whom the audience could easily identify (...). Speaking as Charon, Archilochus said to his audience: this is the kind of song that one pretends to disown!’

H. Fränkel<sup>83</sup> sugere: ‘even in the *Iliad* (3, 60f.) the carpenter was a stock example of an industrious man; hence he was ready to hand for Archilochus

<sup>77</sup> *Liricos...* p. 54 e 56.

<sup>78</sup> EDUARD FRÄNKL (*Horace*, Oxford, Clarendon Press, 1957, p. 59) diz que encontramos uma analogia da passagem no segundo epodo de Horácio, verso 67, através do personagem *generator Alfius*.

<sup>79</sup> *Archiloque...*, p. 8,

<sup>80</sup> Quanto a Caronte, BRUNO GENTILI (*Poesia e Pubblico nella Grecia Antiga. Da Omero al V secolo*, Roma, Laterza, 1984, p. 145) diz: ‘poteva ovviamente trattarsi di personaggi fittizi o di figure tipiche còlte dal vero o anche di persone reali della città in cui il poeta operava.’

<sup>81</sup> ‘The poetry of Archilochos’, in *Archiloque. Entretien sur l’antiquité classique*, t. X, Genève, Fondation Hardt, 1964, p. 206.

<sup>82</sup> *Three archaic poets*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1983 p. 67.

<sup>83</sup> 1975, p. 138.

as a contrast to the upstart who became rich by roguery'. H.D. Rankin<sup>84</sup> acrescenta: 'its words purport to issue from the mouth of a down-to-earth character, Charon the carpenter, and it would hardly be consistent with this character for him to deny so vehemently that he was not envious of a dead king's wealth and splendour'. Para P.E. Easterling e B.M.W. Knox<sup>85</sup>, Arquíloco apresenta perfeitamente um tradicional sentimento 'on the lines of *nothing too much* and *think moral thoughts*' e, ao expressar-se por meio de Caronte, o carpinteiro, o lírico 'gave ... an original twist.'

Bruno Gentili<sup>86</sup> considera o fragmento como parte de um poema *serio-comico* no qual encontramos a característica da *persona loquens*, isto é,

la tendenza a presentare un personaggio che narra in prima persona una sua vicenda lieta o triste... oppure espone le proprie idee su un tema determinato, como ad esempio il carpentiere Carone sulla ricchezza e sulla potenza in un noto carme di Archiloco. Talora le parole messe in bocca al personaggio aprono direttamente il carme ...

Assim, através de um discurso difamatório (ψόγος), o poeta esconde a própria identidade sem provocar ressentimentos.

Plutarco (*De tranq. anim.* 470a-c), por sua vez, que somente conhecia alguns versos do *Fr.* 19 W, e certamente de segunda-mão, acreditava que as palavras poderiam ter sido pronunciadas por um tásio:

Καίτοι καὶ τοῦτο μέγα πρὸς εὐθυμίαν ἐστί, τὸ μάλιστα μὲν αὐτὸν ἐπισκοπεῖν καὶ τὰ καθ' αὐτόν, εἰ δὲ μὴ, τοὺς ὑποδεεστέρους ἀποθεωρεῖν καὶ μὴ, καθάπερ οἱ πολλοὶ πρὸς τοὺς ὑπερέχοντας ἀντιπαρεξάγουσιν. οἷον εὐθύς οἱ δεδεμένοι εὐδαιμονίζουσι τοὺς λελυμένους, ἐκείνοι δὲ τοὺς ἐλευθέρους οἱ δ' ἐλεύθεροι τοὺς πολίτας, οὔτοι δὲ πάλιν αὐ τοὺς πλουσίους, οἱ δὲ πλούσιοι τοὺς σατράπας οἱ δὲ σατράπαι τοὺς βασιλεῖς, οἱ δὲ βασιλεῖς τοὺς θεοὺς, μονονουχὶ βροντᾶν καὶ ἀστράπτειν ἐθέλοντες. εἶθ' οὕτως αἰετῶν ὑπὲρ ἑαυτοῦς ἐνδεεῖς ὄντες οὐδέποτε τοῖς καθ' ἑαυτοῦς χάριν ἔχουσιν.

οὔ μοι τὰ Γύγεω τοῦ πολυχρύσου μέλει  
οὐδ' εἰλέ πῶ με ζῆλος οὐδ' ἀγαιομαι  
θεῶν ἔργα, μεγάλης δ' οὐκ ἔρῳ τυραννίδος·  
ἀπόπροθεν γάρ ἐστιν ὀφθαλμῶν ἐμῶν'

Ἐτάσιος γὰρ ἦν ἐκεῖνος· ἄλλος δὲ τις Χίσιος, ἄλλος δὲ Γαλάτης ἢ Βιθυνὸς οὐκ ἀγαπῶν.

<sup>84</sup> *Archilochus of Paros*, New Jersey, Noyes Press, 1977, p. 23.

<sup>85</sup> 'Elegy and iambus', in \_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_ (ed.), *The Cambridge history of classical literature*, v. 1, part 1, Cambridge University Press, 1985, p. 127.

<sup>86</sup> 1984, p. 145.



Em verdade, também isso é grande para o bom ânimo: por um lado, sobretudo, o examinar a si mesmo e as coisas em relação a si próprio; se não, por outro lado, ir observando os mais inferiores, e não como muitos, ao compararem-se aos superiores; como, por exemplo, os que estão presos contam a felicidade dos que estão soltos; aqueles, dos livres; os livres, dos cidadãos; estes, novamente, por sua vez, dos ricos; os ricos, dos sátrapas; os sátrapas, dos reis; os reis – que querem não só trovão, mas também lançar raio – dos deuses. Finalmente, desse modo, sempre dentre aquelas coisas acima de si mesmos, que são necessárias, jamais são para os que têm graça por si mesmos.

Não, a mim, as coisas de Giges de muito ouro interessam  
nem a inveja me toma, nem admiro  
as obras das divindades, não amo (desejo) a grande tirania;  
longe, pois, de meus olhos estão.

“Mas ele era um tásio”. Algum outro, quio; outro, gálata, ou bitínio;  
não gostando...

H. Fränkel<sup>87</sup> diz que a base do fragmento é ‘a similar contrast between exaggerated and realistic aspirations’ e nota que ‘when Archilochus says ... *I am not troubled by the wealth of Gyges*’ (22), he wishes not to express his own taste but to lend real values their proper recognition’. Para ele, as palavras θεῶν ἔργα, ‘what the gods do’, devem ser entendidas como ‘the fabulous good fortune which the gods sometime allow a man’ e reproduzem um provérbio que declara ‘what the gods grant a man we do not begrudge but rather praise his fortune’. A tirania fazia parte da ambição pelo poder do Período Arcaico e era considerada como a mais alta fortuna da terra.

D. Page<sup>88</sup> faz alguns comentários a respeito do vocabulário e da sintaxe<sup>89</sup> do fragmento arquiloquiano. Quanto ao primeiro, Arquíloco apresenta duas inovações: ζῆλος, “ambição, zelo” e τυραννίς, “tirania”. Na sintaxe, a construção τὰ Γύγεω, “as coisas de Giges” não faz parte do idioma épico. Apesar dessas novidades, a influência da linguagem tradicional é evidente quando emprega o epíteto πολυχρύσου (Il. 10.315) e adapta fórmulas épicas<sup>90</sup> tais

<sup>87</sup> 1975, p. 38.

<sup>88</sup> ‘Archilochus and the oral tradition’, in *Archiloque. Entretiens sur l’antiquité classique*, t. X, Genève, Fondation Hardt, 1964, p. 150.

<sup>89</sup> Quanto ao estilo, H. FRÄNKEL (1975, p. 135) esclarece-nos que é comum encontrar a repetição de uma série de orações negativas para destacar uma última afirmativa, como ocorre, por exemplo, nos fragmentos 3, 19, 22, 114, 133 W.

<sup>90</sup> C.M. BOWRA (*Early greek elegists*, Cambridge, W. Heffer & Sons, 1960, p. 12), quanto à linguagem de Arquíloco, diz ‘Archilochus ... wrote elegiacs with his mind full of Homer and the epic vocabulary. (...) When he wrote in iambic and trochaic meters, he not only avoided them but used a more homely language which included words too colloquial for epic dignity.’

como ἀγαιομένον κακὰ ἔργα (*Od.* 20.16) e ἔργα θεῶν (*Il.* 16.120) quando utiliza οὐδ' ἀγαιομαι θεῶν ἔργα.

Chama-nos a atenção o uso da palavra τυραννίς. P. Chantraine procura apresentar a sua etimologia<sup>91</sup>:

terme de substrat ou emprunté à l'Asie Mineure (comme βασιλεύς, ἄναξ...): le rapprochement avec l'étrusque *turan* = Vénus (maîtresse?) reste très douteux, cf. Haubeck, *Praegraeca* 68-70 e Gusmani, *Studi Pisani* 1, 511, qui évoquent hittite hiér. *tarwana*; cf. encore Hester, *Lingua* 13, 1965, 366.

E. Legrand<sup>92</sup> está de acordo com Chantraine e comenta que a palavra τύραννος pode ser de origem lídia, conforme a *Cambridge Ancient History*<sup>93</sup>. Por sua vez, H. Swoboda<sup>94</sup> diz-nos: 'No es palabra griega, y como determina la idea de usurpación de un modo opuesto a los antiguos reyes hereditarios, es casi seguro que esta forma del poder público se derive de la civilización egea, donde ya existía como dominación extranjera.'

Um escólio ao *Prometeu*, verso 222, confirma que antes de Ésquilo, Arquíloco é quem emprega τυραννίς: πρὸ αὐτοῦ δὲ καὶ Ἀρχίλοχος 'Μεγάλης δ' οὐκ ἔρω τυραννίδος', "antes dele [Ésquilo] também Arquíloco: 'não amo a grande tirania'."

O *Etymologicum Magnum* (771.54-772.2), assim define o termo τύραννος, "tirano":

<Τύραννος>: Ἦτοι ἀπὸ τῶν Τυρσηνῶν· ὠμοὶ γὰρ οὗτοι· ἢ ἀπὸ Γύγου, ὃς ἔστιν ἀπὸ Τύρρας<sup>95</sup> πόλεως Λυκτικῆς, τυραννήσαντος πρῶτον. Ἄλλοι δὲ ἀπὸ τοῦ τρύω, τὸ καταπονῶ, τρύανος· καὶ ὑπερβιβασμῶ τοῦ -ρ, τύραννος, κατὰ πλεονασμὸν τοῦ -ν. Τύραννον δὲ οἱ ἀρχαῖοι καὶ ἐπὶ βασιλείως ἔτασσον·

<Τύραννος>: Certamente vem dos Tirsenos; pois eles civilizados não são; ou de Giges, que é de Tyras, da cidade lícia (Lídia<sup>96</sup>), que aspirou à tirania primeiramente. De formas diferentes, a partir de τρύω (des-

<sup>91</sup> *Dictionnaire Étymologique de La Langue Grecque*, Paris, Klincksieck, <sup>2</sup>1999, s.v.

<sup>92</sup> 1956, p. 33.

<sup>93</sup> Tomo III, p. 549.

<sup>94</sup> *Historia de la Grecia*, Barcelona, Labor, <sup>2</sup>1957, p. 67.

<sup>95</sup> Τύρρας] τοῦ τύρου. Ver THOMAS GAISFORD, *Etymologicum Magnum seu Verius Lexicon Saepissime Vocabulorum Origine Indagans ex Pluribus Lexicis eet Grammaticis Anonymi Cuiusdam Opera Concinnatum, add. codd. mss recensuit et notis variorum*, Amsterdam, Adolf M. Hakkert, 1962, ad loc.

<sup>96</sup> Λυκτικῆς]... Se verius Λυδικῆς· Gygem enim Lydiae tyrannum fuisse, manifestum est ex Herodoti lib. I. SYLB (GAISFORD, ad loc.).

gasto, esgoto), καταπονῶ (desgasto, esgoto de cansaço), τρύανος, e, pela transposição do -ρ, τύραννος, pelo pleonasma do -ν. Como *tirano* os antigos designavam também o rei.

O termo também foi comentado pelo *Etymologicum Gudianum* (537.26):

Τύραννος, ἦτοι ἀπὸ τῶν Τυρρήνων, ὡμοὶ γὰρ οὗτοι· ἢ ἀπὸ Γύγου, ὃς ἔστιν ἀπὸ Τύρρας πόλεως Λυκιακῆς, τυραννήσαντος ἐν αὐτῇ πρῶτον· οὗτος εὔρον ἐν ὑπομνήματι Ἀρχίλου.

Tirano, certamente, vem dos tirrenos, pois eles civilizados não são; ou de Gyges, que é de Tiras, da cidade lícia, que desejou, nela, primeiramente, a tirania; assim se encontrou na memória de Arquíloco.<sup>97</sup>

Salta aos nossos olhos o fato de que ‘la palabra está documentada aquí por primera vez’<sup>98</sup>, tornando o seu uso, portanto, um ponto interessante a ser observado com mais detalhes.

Estaria Arquíloco pensando na tirania grega ao escrever seu poema? Ou estaria ele defendendo a democracia?

A τυραννίς, forma autocrata de governo, nas mesmas condições de Gyges<sup>99</sup>, absoluta e ampla, não se instalou entre os gregos. O que se reconhece é que as lutas endêmicas civis foram propícias para que homens de ambição conseguissem usurpar uma autoridade monárquica, mas o poder absoluto não só não atingiu as mesmas proporções dos monarcas orientais, como também surgiu, efetivamente, em época posterior. Atenas, por exemplo, segundo Barros<sup>100</sup>, por três vezes ‘assistiu a tentativas que procuraram instaurar a tirania ... perpetradas, respectivamente, por Cílon (632 a.C.), Damásias (582/1 a.C.) e Pisístrato (561 a.C.).’

Quando Arquíloco emprega a palavra τυραννίς não devemos ligá-la às tiranias gregas que foram desenvolvidas em Estados diferentes<sup>101</sup>, em tempo posterior<sup>102</sup> e com características próprias; e nada estava mais longe das pre-

<sup>97</sup> Por *Arquíloco*.

<sup>98</sup> F.R. ADRADOS, 1956, p. 54.

<sup>99</sup> A.R. BURN (1960, p. 157) diz ‘tyrannos, a name for a despotic ruler applied to Gyges and then used to mean a political boss holdign power by means of armed supporters and not according to law.’

<sup>100</sup> 1999, p. 96-7.

<sup>101</sup> Segundo W. JAEGER (1995, p. 272), ‘na maioria das cidades gregas onde a tirania existiu, pouco mais conhecemos que o nome e algumas proezas do tirano. Sobre a maneira como nasceu e as causas que a originaram pouco sabemos e muito menos ainda sobre a personalidade dos tiranos e o teor do seu domínio.’

<sup>102</sup> Para JAEGER (idem), o fenômeno da tirania inicia-se no século VII a.C., embora sejam os casos do século VI a.C. que se conhece a origem: profundas transformações econômicas e

visões arquiloquianas do que a democracia, que surge bem mais tarde<sup>103</sup>, mas, simplesmente, aos lídios, mesmo que pouco ainda se saiba sobre a autocracia na Ásia Menor. Eles assim designavam ‘el poder absoluto de los monarcas orientales’<sup>104</sup>, pois estes mantinham o poder sem restrições sobre todo o seu território. Barros<sup>105</sup> entende que aceitar a tirania (de qualquer magnitude) seria ‘uma violação ao ideal da mediania’, de forma que Arquíloco jamais seria partidário do governo de um só homem.

Posteriormente, Gregório de Nazianzeno (329-390 d.C.) faz referência a essa fama de Gíges e aconselha (*Carm. Mor.* 683):

Κᾶν σοι τὰ Γύγου τοῦ πολυχρύσου παρῆ,  
Στρέφης τε πάντα τῆ τροφῆ τῆς σφενδόνης,  
Σιγῶν δυνάστης·

e se a ti as coisas de Gíges de muito ouro estiverem ao alcance  
(estiverem presentes),  
(que tu) gires as coisas todas com o giro do engaste (do anel),  
soberano silente.

É muito provável que a palavra σφενδόνη esteja fazendo referência ao engaste<sup>106</sup> do anel mágico de ouro de Gíges, como se depreende a partir de outra citação de S. Gregório, mas σφενδόνη também é muito comum na literatura judaico-cristã com o sentido de *funda*. Desde a vitória do jovem Davi sobre o soldado filisteu Golias, o gigante, essa arma passou a possuir um significado importante para as gerações judaico-cristãs que sucederam a esse fato. Davi o venceu com uma pedra atirada pela funda e, após a morte do rei Saul, tornou-se o rei dos judeus. Assim diz o texto hebraico na tradução da *LXX* (*Sm.* 1.17:40,49):

40. καὶ ἔλαβεν τὴν βακτηρίαν αὐτοῦ ἐν τῇ χειρὶ αὐτοῦ καὶ ἐξελέξατο ἑαυτῶ πέντε λίθους λείους ἐκ τοῦ χειμάρρου καὶ ἔθετο αὐτούς ἐν τῶ καδίῳ τῶ ποιμενικῶ τῶ ὄντι αὐτῶ εἰς συλλογὴν καὶ σφενδόνην αὐτοῦ ἐν τῇ χειρὶ αὐτοῦ καὶ προσῆλθεν πρὸς τὸν ἄνδρα τὸν ἀλλόφυλον.

49. καὶ ἐξέτεινεν Δαυιδ τὴν χειρα αὐτοῦ εἰς τὸ κάδιον καὶ ἔλαβεν ἐκεῖθεν λίθον ἕνα καὶ ἐσφενδόνησεν καὶ ἐπάταξεν τὸν ἀλλόφυλον ἐπὶ

sociais registradas por Sólon e Teógnis.

<sup>103</sup> JAEGER (ibidem, p. 270) diz: ‘os tiranos representam... uma fase de transição entre o domínio da nobreza e o Estado democrático.’

<sup>104</sup> F.R. ADRADOS, 1956, p. 54.

<sup>105</sup> 1999, p. 97.

<sup>106</sup> Σφενδόνη, além de “funda”, pode ser *collet*, “engaste” (Liddell-Scott, s.v.).

τὸ μέτωπον αὐτοῦ, καὶ διέδου ὁ λίθος διὰ τῆς περικεφαλαίας εἰς τὸ μέτωπον αὐτοῦ, καὶ ἔπεσεν ἐπὶ πρόσωπον αὐτοῦ ἐπὶ τὴν γῆν.

40. Tomou o seu cajado na mão e escolheu para si cinco pedras lisas do ribeiro, e as pôs no alforje de pastor, que trazia junto a si no surrão; e, na mão, a sua funda, e foi-se chegando ao homem estrangeiro.

49. E Davi meteu a sua mão no alforje, e tomou dali uma pedra, e com a funda a atirou, e feriu o estrangeiro na testa; a pedra encravou-se-lhe na testa, e caiu com o rosto sobre a terra.

Mas a *funda* já era amplamente utilizada como arma de guerra, como afirma o texto de *Juízes* 20.15-6 (*Cod. Vaticanus*):

15. καὶ ἐπεσκέπησαν οἱ υἱοὶ Βενιαμιν ἐν τῇ ἡμέρᾳ ἐκείνῃ ἀπὸ τῶν πόλεων εἴκοσι τρεῖς χιλιάδες, ἀνὴρ ἑλκων ῥομφαίαν, ἐκτὸς τῶν οἰκούντων τὴν Γαββα, οἱ ἐπεσκέπησαν ἑπτακόσιοι ἄνδρες ἐκλεκτοὶ.

16. ἐκ παντὸς λαοῦ ἀμφοτεροδέξιοι· πάντες οὗτοι σφενδονῆται ἐν λίθοις πρὸς τρίχα καὶ οὐκ ἐξαμαρτάνοντες.

15. E contaram-se, naquele dia, os filhos de Benjamim vindos das cidades: eram vinte e seis mil homens que puxavam da espada, fora os moradores de Gibeá que contaram setecentos homens escolhidos.

16. De todo povo, todos esses eram ambidestros atiradores de pedras que com a funda, na direção de um cabelo, não erravam o alvo.

Na formação do seu exército, o rei judeu Uzias prepara as armas, e entre elas está a funda, conforme *Crônicas* 2.26.14: αἱ ἡτοίμαζεν αὐτοῖς Οἴσιας πάση τῇ δυνάμει θυρεοὺς καὶ δόρατα καὶ περικεφαλαίας καὶ θώρακας καὶ τόξα καὶ σφενδόνας εἰς λίθους, “e preparou-lhes Uzias, para todo o poder, escudos, lanças, capacetes, couraças e arcos e fundas para atirar pedras.”

Talvez possamos supor que o teólogo do século IV d.C. estivesse empregando uma metáfora, já conhecida desde a época veterotestamentária, na qual *funda* teria o sentido de instrumento de libertação, de purificação, para *lançar fora de si, expulsar, jogar para longe algo maléfico*, como observamos no texto de *Samuel* 1.25.29:

καὶ ἀναστήσεται ἄνθρωπος καταδιώκων σε καὶ ζητῶν τὴν ψυχὴν σου, καὶ ἔσται ἡ ψυχὴ κυρίου μου ἐνδεδεμένη ἐν δεσμῶ τῆς ζωῆς παρὰ κυρίῳ τῷ θεῷ, καὶ ψυχὴν ἐχθρῶν σου σφενδονήσεις ἐν μέσῳ τῆς σφενδόνης.

E um homem se levantará te perseguindo e buscando a tua vida (para tirá-la); e será a vida de meu senhor atada no feixe da vida junto ao Se-

nhor Deus; e a vida de teus inimigos, tu lançarás (com a funda) com o meio da cavidade da funda.

Questionando a sua alma sobre os valores e desejos, S. Gregório (*Carmina de se ipso* 1435.4-15) faz referência ao anel de ouro mágico de Giges (Pl. *R.* 359d-60b) pelo qual o “pastor que servia em casa do que era então soberano da Lídia” seduziu a mulher do monarca Candaules, matou o soberano, desposou a viúva e se assenhoreou do poder:

Τί σοι θέλεις γενέσθαι;  
 Ψυχὴν ἐμὴν ἐρωτῶ.  
 Τί σοι μέγ', ἢ τί μικρὸν  
 Τῶν τιμίῳ βροτοῖσι;  
 Ζήτει μόνον τι λαμπρὸν,  
 Καὶ δώσομεν προθύμως.  
 Θέλεις τὰ Γύγεώ σοι<sup>107</sup>  
 Τοῦ Λυδίου γενέσθαι,  
 Καὶ δακτύλῳ τυραννεῖν,  
 Τὴν σφενδόνην ἐλίσσων,  
 Κρύπτουσαν, εἰ κρύπτοίτο,  
 Φαίνουσαν, εἰ φαίνοιτο;

O que estás querendo que a ti venha a ser?  
 À minha alma, pergunto.  
 O que para ti é grande, ou o que é pequeno  
 dentre as coisas preciosas aos mortais?  
 Procura somente o que é resplandecente  
 e daremos de boa vontade.  
 Queres que as coisas de Giges,  
 o lídio, a ti venham a ser  
 e governar com dedo  
 girando o engaste (do anel),  
 que oculta, se quisesse ocultar,  
 que mostra, se quisesse mostrar?

Em Platão, a história serviu como exemplo de que um justo, por ambição, pode caminhar para a mesma meta que o injusto. S. Gregório, por sua vez, ao fazer menção das riquezas e da ambição de Giges — tanto quanto o poeta lírico e o filósofo o fizeram — coloca-as como nocivas e merecedoras de rejeição (*Carmina de se ipso* 1436.7-11):

<sup>107</sup> É possível notar que S. Gregório provavelmente se inspirou no jambo de Arquiloco ao continuar o poema. Ver QUINTINO CATAUDELLA, 1972, p. 55.

Οὐ ταῦτα δώσομέν σοι·  
 Λαβεῖν γὰρ οὐδὲ λῶον,  
 Ἄλλ' οὐτ' ἔμοιγ' ἀνυστόν.  
 Ἐρρίψα γὰρ μερίμνας,  
 Ἀφ' οὗ Θεῶ προσῆλθον.

Não daremos essas coisas a ti;  
 pois, nada receber é melhor,  
 mas [e] nem mesmo a mim é algo possível.  
 Lancei, pois, as inquietações  
 a partir do que acheguei-me a Deus.

Como pudemos observar neste trabalho, Arquíloco deixou rastros na história. Durante os períodos arcaico e clássico, sua obra era bem difundida, influenciando a muitos. Seus versos foram amados e também odiados. A fortuna crítica do poeta não é pequena, embora os diversos autores, como Alceu, Píndaro, Aristófanes, Cratino, Heráclito, Platão, Aristóteles, Ateneu, Díon Crisóstomo, Orígenes, Aristarco, Eusébio, entre outros, de épocas bem distantes, tenham ou apenas feito referência ao poeta, ou reproduzido parte de seus poemas.

Alguns acreditam que grande porção de sua obra não tenha resistido ao tempo face à obscenidade, pois, sobretudo no Período Bizantino os poemas foram deliberadamente destruídos ou não copiados, mas esse ponto de vista é questionável se considerarmos que os poemas de Hipônax chegaram ao século XII d.C. O que se reconhece, entretanto, é que importantes autores foram contundentemente contrários à leitura dos versos arquiloquianos, tendo até mesmo sido proibida pelo imperador Juliano.

Considerando que os textos que chegaram a nós são geralmente breves, procuramos reconstruir o sentido do *Fr. 19 West* arrolando não só as fontes que testemunham a recepção do poema na Antigüidade, mas também diversos comentários de vários autores antigos e modernos.

Reconhecemos, porém, que o assunto não foi totalmente esgotado, pois a obra de Arquíloco é um permanente desafio a todos os estudiosos. Entretanto, julgamos pertinente um apanhado da história da crítica que acompanha o fragmento, pois ela, como se pode ver, muito contribui para a recuperação de sentidos esquecidos.

TITLE. *Archilochus of Paros and Fr. 19 West*

ABSTRACT. This paper aims to reflect on the (re)construction of the meaning of one of the fragments of Archaic Greek Lyric. The *corpus* consists of *Fr. 19 West* from the poet Archilochus of Paros' work. For our study, we have used the sources who witnessed the reception of the text in Antiquity and we have also presented some comments made by modern authors. For the translation of the texts in Greek, we used the Henrique Graciano Murachco's theoretical framework, to whom the semantic, logic, organic and functional relationships of the language are essential.

KEYWORDS. Greek poetry; greek lyric; Archaic Period; Archilochus of Paros; Fragment 19 West.